



## BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

### PROJETO MEMÓRIA ORAL

#### MODESTO CARONE

Hoje, 12 de julho de 2007, a Biblioteca Mário de Andrade realiza o depoimento do escritor, ensaísta e tradutor, professor Modesto Carone, para o Projeto Memória Oral da Instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Biblioteca Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas, antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sergio Teichner e na condução do depoimento, Daisy Perelmutter.

**Modesto Carone:** ...e uma pessoa de grande senso de humor, uma figura marcante.

**Daisy Perelmutter:** Uma pessoa muito carismática.

**MC:** Uma figura marcante. Uma vez o próprio Raduan falou: “Tem uma peça muito interessante aqui no Teatro de Arena” e eu fui ver e fiquei impressionado. Ele falou: “Vamos lá?”, e eu falei: “Vamos”, e era *Eles Não Usam Black-Tie*, pela primeira vez. Eu conheci várias pessoas lá que são do circuito do Rio, o Eduardo Coutinho, o Ernesto Xavier, o Carlos Lyra.

**DP:** O Eduardo na verdade é de São Paulo, depois é que eu acho que ele foi para o Rio.

**MC:** É, mas ele foi para lá. Ele é muito simpático. Eu fiquei impressionado foi de ver o cabelo branco dele.

**DP:** Era dessa época a sua permanência diária?

**MC:** Digamos que foi de 1957 ou 1958 até 1964, e daí houve uma dispersão. Não era ocasional, a visita era diária, era um *point*, mas um *point* do melhor tipo.

**DP:** Sérgio, já está gravando?

**MC:** Eu estou um pouco rouco por causa do frio.

**DP:** O professor já está no tom, então não vamos quebrar. Acho que seria interessante o senhor contar com detalhes essa sua permanência.

**MC:** Bom, é claro que a memória falha, as omissões existem, mas são involuntárias, então que ninguém fique preocupado com isso. Eu acho que, por volta de 1958, eu comecei a frequentar a Biblioteca. Eu estudava Direito, ainda no Largo São Francisco, e trabalhava como tradutor da *Associated Press*. Aliás, isso daí me fez conhecer o Salinas, o Luis Roberto Salinas Fortes, que também era tradutor do noticiário internacional, aqui d'O Estadão, aqui na esquina, mas nós éramos amigos de muito mais tempo. Nós fizemos o cursinho que chamava *Cursinho do Azevedinho*, que era um grande professor de latim, em cima do *Mappin*. Às vezes a gente pegava o bonde aberto, o que fazia a curva aqui, entrava na Xavier de Toledo, subia a Consolação e entrava na Maria Antonia. A gente ia andando pelo bonde, porque era aberto e, quando o cobrador vinha, a gente ia no sentido contrário. Era uma facilidade se locomover aqui.

**DP:** O senhor morava onde, professor?

**MC:** Houve uma época que eu morei na Aclimação, depois eu morei na Rua do Arouche, que era uma rua pacífica e, depois, na Avenida São João, que também era uma rua que não tinha Minhocão. Eu não vivia em casa, eu vivia fora de casa. Um dos lugares onde eu era *habitué* era aqui na Biblioteca e nos arredores. Conhecia



todos os bares e botecos daqui, que depois eu descrevi num artigo em que eu falo no Bento. O Bento escreveu *Os Bares de São Paulo*, então eu peguei aquilo como mote e escrevi a respeito do meu grupo que vivia por aqui. A gente só ia no *Pari Bar* quando tinha condições, porque lá não era para qualquer um da nossa classe.

**DP:** Professor, eu vou voltar um pouquinho antes: o senhor saiu de Sorocaba e veio para São Paulo, o senhor veio com a sua família ou o senhor veio sozinho?

**MC:** Não, eu vim sozinho, praticamente cá fora da minha casa, não queria mais ficar lá. Eu acho que eu tinha 17 anos. Aos 18 me tornei jornalista e daí eu fiz Direito. Fiz cursinho meio ano e entrei na Faculdade de Direito. Na Faculdade de Direito eu também não estudava muito o Direito, não tinha grande interesse, a não ser Introdução à Ciência do Direito, com o Goffredo da Silva Teles, que era muito interessante, e depois mais tarde com o professor Miguel Reale, que era um ótimo professor, embora eu divergisse frontalmente dele, mas ele era uma pessoa democrática – Filosofia do Direito. Tinha também Direito Romano, que era interessante, que levava a gente a estudar outras coisas, por exemplo, *A Cidade Antiga* do Fustel de Coulanges, que eu, aliás, li aqui na Biblioteca, porque isso você não encontrava em lugar nenhum.

**DP:** Quem trouxe o senhor aqui? Como o senhor descobriu a Biblioteca?

**MC:** Eu já não me recordo, porque era um pólo de atração que podia ser até invisível: você acabava chegando aqui. Os meus amigos, o Raduan Nassar, o José Carlos Abatti e outros, eu conheci praticamente todos os que conviviam aqui. Tinha o grupo dos “adoradores de Minerva”, da estátua lá embaixo, que ficavam discutindo lá, ou discutiam filosofia, ou discutiam letras, ou discutiam política e era uma atividade intelectual mesmo, embora a gente falasse bobagem o tempo todo. Mas a gente ia ler também. Eu, por exemplo, gostava muito de consultar as enciclopédias aqui. Eu me lembro que passei uns três dias em seguida aqui lendo as memórias do Arthur Koestler, que são três volumes – deve ter até hoje aqui – e foi formidável porque era uma história do mundo aquilo lá, quando o Koestler era bom, quando ele



era ainda inglês. Quando ele virou adorador dos EUA, eu acho que ele perdeu o interesse, não por ser os EUA, mas porque ficou mistificado pela sociedade americana. Mas vamos deixar o Koestler de lado.

A gente assistia muitas coisas aqui. Eu me lembro nitidamente, neste lugar aqui, o Aldous Huxley esteve aqui.

**DP:** O senhor lembra quando, aproximadamente?

**MC:** Por essa época aí, 1958 para 1960/62, eu não me lembro mais, realmente, eu não tenho memória para anos. Ele foi muito simpático. Eu me lembro de ter feito uma pergunta para ele e ele fez uma cara assim de quem não estava entendendo direito. Eu falei em inglês, no meu inglês. Eu me lembro que ele fez um gesto para eu me aproximar e eu vi que ele tinha um olho que devia ser cego, porque era completamente uma mancha azul, e o rosto dele tinha rugas fininhas e ele estava com a mulher dele, que acho que era uma italiana. Ele era extremamente simpático. A Lígia Fagundes Telles estava aqui na frente também, mas ela falou: “Eu não quis fazer pergunta porque ele é muito irônico, me dá medo”, qualquer coisa assim, eu não me lembro direito.

**DP:** O senhor foi o único a fazer perguntas?

**MC:** Não, tinha um monte de gente. Era: “*Est-ce que vous parlez français?*” e eu: “*Oui, oui*”, e ele respondia em francês. A gente perguntava muito sobre as ideias dele sobre o mundo moderno, sobre a literatura, o cinema. Ele respondia tudo. Ele era uma enciclopédia, mas sem pedantismo. Aquela pose aristocrática da qual ele não podia se livrar e que ficava bem nele, porque ele era um homem altíssimo. Bem, mas tinha outras atividades aqui, que a gente fazia. Depois de uma discussão, todo mundo ia tomar café aí nos bares da redondeza, ou aqui em frente, ou aqui do lado, eu não me lembro mais, era na esquina, aqui, na Dom José Gaspar.

Enfim, era uma geração livre e que gostava de ler, de discutir ideias, de se amparar na literatura, na filosofia. Devia ter outros ramos do saber aí que eram consultados aqui. Isso era muito divertido, não precisava de fliperama, não tinha



nada disso, aliás, ótimo que não tivesse. Nós gostávamos deste lugar, sempre gostamos. Às vezes a gente ficava sentado nos bancos aí da praça conversando até altas horas da noite.

**DP:** O que o senhor descobriu aqui em termos de paixão literária? O senhor lembra o que foi sendo deflagrado?

**MC:** Por exemplo, li o Graciliano Ramos aqui, eu acho, entre muitos outros, mais tarde. Depois eu fui dar um curso lá sobre literatura geral e tive que vir consultar aqui, porque a nossa biblioteca lá na UNICAMP<sup>1</sup> não tinha muita coisa. Eu vim aqui, consultava as enciclopédias, os livros de referência: era desde Boccaccio até Henry James; poesia, via um e chegava até João Cabral de Melo Neto, por assim dizer. Então este era um lugar que era uma mina, que você, se fosse aplicado e inteligente, você aproveitava. Eu espero que continue assim, precisa de uma ajuda para isso.

**DP:** E do seu grupo?

**MC:** Do meu grupo teve o Raduan, que era meu amigo pessoal. Nós éramos adolescentes, pós-adolescentes, 19 anos, acho. Eu conheci minha mulher aqui, como eu falei para você.

**DP:** Mediado por quem?

**MC:** Foi pelo Milton Joia Pereira, que depois foi para o interior. Ele era filósofo. Minha mulher tinha 19 anos e tinha acabado de entrar na Faculdade de Filosofia. Só que ela fez o primeiro curso de Psicologia na Maria Antonia, porque, antes, os futuros psicanalistas e etc, eles faziam Filosofia porque não tinha o curso de Psicologia, e ela foi da primeira turma de Psicologia.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas.



**DP:** Eram poucas mulheres naquele período que eram assíduas frequentadoras, não?

**MC:** Eram, mas elas já gostavam de Psicologia naquela época.

**DP:** Sim, eu sei, mas naquela época, aqui na Biblioteca era um ambiente mais masculino, não era?

**MC:** Era.

**DP:** Do nosso levantamento de nomes nós temos poucas mulheres que eram assíduas frequentadoras.

**MC:** A não ser a minha mulher, eu seria incapaz de recordar de outras, mas claro que tinha, mas era minoria absoluta, minoria no sentido numérico.

**DP:** Esse interesse pelos livros, essa paixão, essa curiosidade, ela foi aflorada já quando o senhor era criança? Em Sorocaba o senhor tinha um ambiente familiar que propiciou?

**MC:** Tinha. Meu pai era jornalista e então ele gostava de literatura. Ele gostava de muita coisa, mas ele gostava de literatura. Eu tive a sorte de ter uma professora no terceiro primário – e eu meio distraidamente passei em primeiro lugar lá – ela me chamou e me perguntou: “Você já leu Monteiro Lobato?” e eu, para não dizer que não tinha lido, falei: “Já”, e daí ela deu *A Chave do Tamanho* para mim, que foi uma descoberta sensacional, eu fiquei com uma pena quando o livro estava terminando. Nessa época, acho que era no fim da Segunda Guerra Mundial, eu estava com pneumonia também, estava na cama e ouvia a *Canção do Expedicionário*. Foi por aí que começou.

Depois, a minha mãe era uma grande leitora. Ela lia romances e ela contava. Uma vez tinha aquele *Tales from Shakespeare, Contos de Shakespeare*, que o Monteiro Lobato traduziu e publicou pela editora dele, e ela contava aquelas



histórias: de Hamlet, Macbeth, a história de Coriolano e outras. A gente não sabia de quem se tratava, mas achava as histórias superinteressantes, melhor que conto de fada. Então este estímulo à leitura foi incentivado desde muito cedo.

Quando eu recebi de prêmio este livro do Lobato, tinha nove anos e aí, quem lê tem vontade de escrever, isso é fatal. E aí eu comecei a escrever algumas coisas. Com quinze anos, eu comecei a escrever poesia e aí, com a maior cara de pau, eu me candidatei ao concurso *Euclides da Cunha*, lá de São José do Rio Pardo, e fui premiado. Não fui para lá, mas eu recebi a passagem e comprei *Os Sertões* do Euclides da Cunha.

Aproveitando a deixa, alguns anos mais tarde, quando eu estava já no colegial, eu tive a sorte de ter sido aluno de um professor recém formado na Maria Antonia, em Letras, e ele adorava o Monteiro Lobato, conhecia tudo infantil e literatura para adultos e pediu que a gente desse uma espiada n' *Os Sertões*. Eu gostei tanto daquele livro, porque tinha um vocabulário vastíssimo. Eu escrevia num caderno as palavras que eu não conhecia e depois ia procurar no dicionário as palavras, para melhorar o vocabulário e, no fim, eu acabei lendo *Os Sertões*. Foi uma descoberta também, porque ali você descobre o Brasil que todos nós aqui desconhecemos. Acho que os únicos que entraram por aí foram o Euclides da Cunha e o Glauber Rocha: aquela gente completamente marginal. Estes sim são marginalizados de fato: gente da caatinga, gente miserável, mas que se organizava. E o papel do exército, porque eles diziam que era uma monarquia, mas era uma monarquia que não tinha nada a ver com a monarquia institucional, e o exército foi lá e mandaram três expedições. Ele era repórter do jornal *O Estado de São Paulo*. Mas eu estou falando do que todo mundo conhece, mas isso me reconduz aqui para...

**DP:** ...para a história de Sorocaba, o senhor está trazendo um pouco desta sua vivência, antes de vir para São Paulo.

**MC:** Lá eu lia muito. Eu frequentava uma biblioteca que tinha sido fundada por alemães no século XVIII, porque era um prédio que tinha paredes de dois metros de largura, caindo aos pedaços, mas tinha a melhor biblioteca que eu conheci. Foi extinta esta biblioteca, para você ver que não é de hoje que...



**DP:** Quando foi extinta, naquela época?

**MC:** Não. Eu devia ter dezesseis anos. Ela foi extinta, derrubaram o prédio e colocaram os livros não sei aonde. Mas lá tinha a melhor biblioteca do século XIX que eu cheguei a conhecer. Só depois, muito mais tarde, eu e o Davi Arrigucci, nós fomos visitar a biblioteca do desembargador Antão de Moraes, ali, eu acho que é na Avenida Angélica. Era uma coisa fantástica, os filhos não se interessaram à mínima pelos livros dele, mas ele, além de grande leitor, era um bibliófilo, então ele tinha edições maravilhosas, das *Flores do Mal*, por exemplo. Eu me lembro que o Mindlin um dia chegou lá e viu uma obra completa do Conan Doyle e comprou tudo.

**DP:** Então esta biblioteca foi dissolvida, foi quebrada?

**MC:** Os filhos quiseram vender, foi vendida assim a prestações, em lotes. Eu comprei um Baudelaire lá, eu me lembro que era o que eu poderia comprar, mas era notável. Mas eu estou me referindo outra vez à biblioteca que eu conheci quando adolescente.

**DP:** O senhor, que conheceu depois a Biblioteca Mário de Andrade, aquela biblioteca era mais sofisticada do que esta, para o século XIX, essa de Sorocaba?

**MC:** Não, absolutamente.

**DP:** Ela uma biblioteca para uma cidade do interior.

**MC:** Era uma cidade do interior, era uma biblioteca para uma cidade do interior. Lá tinha uma “mistureba” incrível, desde Victor Hugo traduzido em Portugal, até quarenta ou cinquenta volumes de Coelho Neto. Eu li um monte de Coelho Neto lá.

**DP:** O que fez o senhor sair da cidade, que o senhor disse que fugiu da cidade?



**MC:** Eu fugi entre aspas, porque eu lia muito sobre os escritores e todo mundo ia para o Largo São Francisco, o que era uma opinião errada porque já existia o curso de Letras aqui na Maria Antonia, que eu fui fazer bem mais tarde, depois de formado em Direito. Então eu fui para a Faculdade de Direito e lá, o que eu mais frequentava, em primeiro lugar, era a biblioteca da Faculdade de Direito, que era excelente, muito boa. Tinha umas poltronas maravilhosas, depois do almoço você dormia um pouco e depois continuava lendo.

**DP:** Isso aqui não tinha, não é professor? Não tinha estes espaços para o silêncio.

**MC:** Tinha gente que dormia em cima da mesa, mas eram raros os que conseguiam, por causa dos bondes que passavam pela Consolação. As grandes diversões lá eram a biblioteca e o jogo de sinuca, que era uma coisa ainda meio subalterna, meio tipo *João Antonio*, mas era uma atração pelo pano verde, era uma coisa incrível – lembra *O Jogador* do Dostoievski. E tinha este lugar aqui, de encontro, mas era um encontro não programado, podia ser diário, mas nunca programado. Não era como hoje que você tem que telefonar e dizer: “Nós vamos nos encontrar quarta ou quinta-feira às seis e meia, lá no *Frans Café* não sei de onde”. É tudo assim hoje. Então a pessoa telefona para você e fala: “Vou dar uma passada por aí”, e então você fala: “Não, não passa hoje, passa amanhã”.

Voltando ao que interessa, eu sou devedor desta Biblioteca, não estou fazendo demagogia não, é verdade, eu sou devedor mesmo. Tinha o Florisvaldo Menezes, que estava escrevendo um romance, e tinha uma salinha lá em cima e eu precisava de uma coisa assim e não sabia como chegar até a essa coisa, que para mim era paradisíaca. Que sorte ou que esperteza que ele teve! Depois eu fiquei amigo dele. Ele também era frequentador assíduo daqui. Tem uma série de atrativos aqui, mas é difícil rememorar isso daí de uma maneira coerente e consequente, mas aqui era o lugar onde você lia livros, encontrava pessoas interessadas em livros, discutia com estas pessoas, formava amizades na base de livros e de conhecimento. Havia um “Eros” do conhecimento, baseado nos livros. Evidentemente que isso ou está acabando ou então está muito diminuído.



**DP:** Mas o senhor localiza o momento que teve esta dispersão? O senhor mesmo identifica que foi o Golpe.

**MC:** Foi o Golpe Militar.

**DP:** Que acabou com esta festa literária, intelectual.

**MC:** E que era inocente, mas nem tanto, porque você aprendia coisas e ficava sabendo de coisas essenciais, que punham aquele poder discricionário em crise, de alguma maneira, e eles sabiam onde é que estavam os opositores.

**DP:** E como é que o senhor viveu este período? O que aconteceu neste período?

**MC:** Em 1964, como eu era jornalista, eu tive que me ausentar alguns dias, porque soube que estavam querendo conversar comigo e eu não estava com vontade de conversar de jeito nenhum.

**DP:** O senhor estava vinculado a qual jornal, *O Estado*, ou não?

**MC:** Não, era a Fundação Cásper Líbero, uma parte. Daí eu deixei a minha biblioteca subversiva com um amigo meu que era totalmente apolítico, ou seja, era um grande conservador. Eu deixei lá, ele pôs num porão. Ele tinha um porão grande. Eu sabia quem era e eu deixei tudo lá.

**DP:** O senhor pode dizer quem era?

**MC:** Perci Garniel<sup>2</sup> era o nome dele. Ele era frequentador aqui também.

**DP:** Isso é um outro dado muito curioso, porque a gente percebe que aqui havia uma comunhão muito grande entre grupos de posições ideológicas muito distintas e

---

<sup>2</sup> Transcrição fonética do nome citado.



que havia uma possibilidade de diálogo, mesmo na diferença, com a diferença sendo explicitada.

**MC:** Sim. Bom, acontece que este meu amigo apolítico começou a ler os livros. Eu encontrei com ele um bom tempo depois e ele falou: “Interessante aqueles livros!”, virou a cabeça dele. Foi curioso isso aí, para você ver como que o livro mexe com a sua existência.

E por falar em existência, foi aqui que eu conheci o existencialismo que era um incêndio de interesse – Sartre e Simone Beauvoir, que estiveram aí, mas, antes disso, eu já conhecia quase tudo que aparecia: ou eu lia em francês, quando dava, ou lia em português mesmo. O Sartre e a Simone Beauvoir fizeram a cabeça de toda uma geração. A minha pelo menos foi feita por eles, e depois teve as consequências. Eu me lembro de ter lido o Sartre aqui: *Les Chemins de la Liberté – Os Caminhos da Liberdade*, era da Difel, da Difusão Europeia do Livro. O Sérgio Milliet foi diretor da Biblioteca. Eu cheguei a ler muita coisa do Sérgio Milliet.

**DP:** O senhor chegou a conhecê-lo pessoalmente? Parece que ele transitava pelos corredores, era uma pessoa muito acessível.

**MC:** Conheci, ele transitava por aí, tinha o clubinho lá na Rua Bento Freitas, esquina com a Rua General Jardim, eu acho. Lá se reunia um monte de pintores, escritores, e ele sempre estava lá. Tinha o Reboló Gonzalez, o Mario Gruber, a gente ia muito lá também. Eram pessoas que estavam aqui durante o dia e a noite iam para lá. Ali também era outro centro de discussão de assuntos que nos interessavam e que tinham um interesse geral. Não havia dispersão por atrativos não intelectuais. É claro que você podia ficar atrás de uma moça, que você queria namorar com ela.

**DP:** E o senhor ainda teve a sorte de encontrá-la aqui!

**MC:** Eu a encontrei aqui e parou. Eu tinha 22 anos e ela tinha 19. É uma coisa triste, depois que eu estive aqui na gestão da Marilena Chauí, que eu acompanhei o trabalho dela pelos jornais e depois eu vim ver aqui. Aqui era muito bonito e estava



funcionando tudo direito. Foi um grande embalo que aquilo teve e espero que o nosso amigo lá continue.

**DP:** Com disposição ele está.

**MC:** Precisa, porque isto daqui é uma espécie de monumento, não no sentido ruim da palavra. Para começar, Mário de Andrade; segundo, uma biblioteca de qualidade, então isto daqui não foi um gasto, isto aqui foi um investimento. Então é preciso continuar investindo, pagando bem os funcionários, qualificando estes funcionários, adquirindo mais revistas, jornais, livros etc. Precisa completar as lacunas, que certamente devem existir. Eu não fui lá ver, mas deve ter muita lacuna. Isso tudo é um trabalho gigantesco, mas tem que ser feito, merece ser feito. Isso não é para ninguém em particular é para todo mundo.

**DP:** O senhor não acha que hoje em dia, desde o momento em que a USP<sup>3</sup> sai daqui da Maria Antonia e vai para a Cidade Universitária, as bibliotecas universitárias, mal ou bem, elas respondem a esta função que um dia a *Mário de Andrade* teve?

**MC:** Não sei, tenho minhas dúvidas.

**DP:** É difícil fazer hoje as pessoas se deslocarem.

**MC:** É melhor ter várias bibliotecas, mas é preciso ter uma que é um eixo, que é a central: é esta aqui, porque esta aqui é do povo também, não só dos universitários. Eu me lembro que me convidaram para vir aqui dar uma conferência sobre Kafka numa série chamada *Grandes Autores*, não me lembro mais como era o título. Era uma segunda-feira de julho, um frio terrível, medonho. Eu vim aqui umas oito e estava aí o Pedro Maia e eu falei: “Pedro, não vai ter ninguém lá, porque, com este frio, segunda-feira, julho... se fosse eu não vinha”. Ele falou: “Você vai ver”. Eu cheguei aqui, acho que era nesta sala mesmo e tinha umas quatrocentas pessoas,

---

<sup>3</sup> Universidade de São Paulo.



era uma coisa impressionante. Mas, que interesse! Eu fiquei umas duas horas batendo papo com o público. Você via que eram pessoas que estavam querendo. Eu acho que é um elitismo idiota achar que você precisa escrever uma literatura para o povo. Não é isso que você tem que fazer, você tem que levar a grande literatura para o povo, o que é de domínio público.

Uma vez fui assistir a uma peça do Beckett, *Esperando Godot*, que é uma peça difícil, é uma peça complexa, lá no Teatro Municipal, mas era a preço de uns cinco reais, eu não me lembro que moeda era aquela, e qualquer um podia ir: vendedor, estudante. Eu fui lá, era umas seis da tarde e eram as quatro mulheres, eram quatro artistas famosas. Seja como for, eu fiquei observando o público, assisti a peça, era uma peça difícil. Para mim um sintoma de que estão entendendo é rir na hora certa e eles riam na hora certa, de lá de cima até lá em baixo, tinha até gente sentada no chão.

Você oferece “o mais fino biscoito”, como diz Oswald de Andrade, e eles gostam. Não precisa oferecer Paulo Coelho para eles, isso daí é um absurdo, isso deteriora o gosto, porque o sujeito passa de um Paulo Coelho para outro Paulo Coelho que vem lá na frente, como uma sequência, como uma sequência de sabonetes que vão ser consumidos. Não é que uma biblioteca como esta não deva oferecer, é claro que deve, mas à medida em que a acumulação intelectual vai se manifestando, aumenta o senso crítico e é o senso crítico que discrimina as coisas. O nosso interesse é que a cultura intelectual se manifeste para “descomercializar” a literatura. Se quiser ter a literatura comercial, tudo bem, mas para nós é um perigo.

Na França tem o público intelectual com uma literatura para intelectuais, com assuntos mais exigentes, e tem também literatura, não popular, mas literatura de indústria cultural, como diz o Adorno, porque lá uma não afeta a outra, porque a outra é tão firme que não vai ceder. Aqui nós temos o perigo de cair, logo ainda com a televisão, naquilo que o professor Antonio Candido chama de analfabetismo eletrônico. As pessoas de repente podem perder Machado de Assis. É uma perda enorme, não é por orgulho nacional, mas é porque o Machado escreveu para todo mundo, ele não escolheu este ou aquele, ele só exigiu que fosse um leitor exigente e atento.



**DP:** O senhor teve uma atividade docente durante muitos anos, a gente está fazendo um corte grande. O senhor estava falando um pouco do final da sua experiência como aluno de graduação, de Direito, depois o senhor decide mesmo se enveredar pela literatura?

**MC:** Daí eu resolvi, eu aceitei um convite do Departamento de Letras Modernas, em Viena.

**DP:** Mas como é que o senhor chegou até lá?

**MC:** Eu era ainda estudante, estava indo para o bacharelado quando houve um convite, vindo do Itamaraty. Eles estavam precisando de uma pessoa que fosse um leitor brasileiro na Universidade de Viena. As condições eram que tivesse diploma universitário, e isto eu já tinha, que conhecesse a literatura brasileira, e eu conhecia alguma coisa, e que soubesse alemão, e eu não sabia, a não ser algumas regras gramaticais, mas eu falei: “Mas está pra mim”. Eu fui até o Itamaraty e por sorte fui atendido pelo Francisco Alvim, depois nós ficamos amigos. Ele falou: “Então vai você mesmo”.

**DP:** Isso foi quando professor?

**MC:** Isso foi em janeiro/fevereiro de 1965.

**DP:** Logo depois do Golpe.

**MC:** Eu falei: “Está ruim o negócio aqui, eu vou para Viena”, e para mim as duas grandes referências eram Freud e a valsa vienense, e mais a música. E daí eu falei com a minha mulher e ela topou. Em quinze dias nós estávamos lá em Viena. Daí foi “aquela experiência”, porque eu cheguei na estação de trem, cheguei de Paris até lá, porque antes eu fui falar com o professor Candido e eu falei: “O que eu faço? Eu nunca dei aula na minha vida e vou dar minha primeira aula aqui pela primeira vez na Universidade de Viena!”, era uma megalomania inaceitável, embora não fosse –



era a vontade de encontrar um emprego em algum outro lugar, que sempre era melhor do que aqui, até que as coisas aqui mudassem.

Eu cheguei na estação, como eu disse, e aqueles carregadores de mala falavam e eu não entendia uma palavra e eu dizia: “Pô, não adiantou nada eu estudar aquelas regras gramaticais e aqueles verbos irregulares!”, porque eles eram operários italianos que exerciam esta profissão, então eles falavam o alemão deles. É claro que eu não entendia nada e continuei não entendendo nada por muito tempo. Eu fui dar aula lá na Universidade e aproveitei para estudar alemão, porque eles davam cursos de férias, que, aliás, eram muito bem dados. Daí eu fiz vários cursos de alemão, até que tinha um curso de germanística para professores estrangeiros e eu fiz este curso. Foi daí que a possibilidade de ser professor de literatura alemã apareceu. Eu fiquei lá este tempo todo.

**DP:** Quantos anos o senhor ficou?

**MC:** Três anos, de 1965 até 1968.

**DP:** E este curso de literatura brasileira, como é que o senhor estruturou? O senhor lembra como é que era?

**MC:** Eu procurei o caminho mais agradável para mim. Tinha a turma que era iniciante e eu tinha que dar regras gramaticais, e eu me lembrei do meu professor de alemão aqui, que dava textos. Então eu pegava um texto qualquer, desde jornal, e traduzia para eles, isto estimulava. Para a turma dos adiantados, eu dava aula de literatura brasileira, só que não tinha na biblioteca, lá. Através do então primeiro secretário da embaixada, que era o Rubens Ricupero, que foi meu colega na Faculdade de Direito...

**DP:** Parece que ele foi também um grande frequentador da *Mário de Andrade*, o senhor confirma?



**MC:** Foi, ele frequentava. Eu não frequentava com a turma dele. Ele me ajudou. Ele disse: “Faça uma lista”. Eu fiz uma lista enorme que tinha tudo, tinha o que era preciso ler para entender o Brasil e, por causa do Rubens, eles mandaram tudo. Inclusive no dia que isto chegou lá teve uma festa de inauguração. Naquela época eles tiveram uma boa biblioteca brasileira, porque antes era portuguesa. Isso é um outro assunto, mas os portugueses competem muito com os brasileiros em literatura lá, mas eles tentam assumir as coisas. Eu dava português do Brasil e mais cultura e literatura brasileiras. Eu tive que estudar muito. Não fazia parte da romanística, porque o português estava lá. Foi uma grande experiência que eu tive.

Adorei Viena, porque, imagine, eu cheguei lá e logo depois fui ver um desfile pela rua central de Viena, um desfile do Partido Socialista, com as pessoas com um cravo vermelho na lapela e eu me assustei no começo, porque eu já estava, como se diz, com o reflexo condicionado, mas foi uma ótima experiência que eu tive lá.

**DP:** E o contato que o senhor teve com seus amigos, colegas e família neste período foi grande? A comunicação também não era fácil naquele momento, não?

**MC:** Era ou por carta ou, quando você estava bem de vida, você telefonava, de resto não tinha computador. Aliás, não tenho até hoje. Eu sou anacrônico, escrevo com lapiseira, borracha e caderno. Depois eu peço para alguém digitar, é claro. Eu terminei recentemente um livro de contos e dei para uma digitadora e ela digitou direitinho. Depois eu corriji a parte digitada, foi para o disquete e para a editora: fim de linha, agora eu não tenho mais que me preocupar com isto. Agora quando chegarem as provas vou ter que dar uma revisada outra vez, mas eu acho isso mais simples. Eu batia muito bem à máquina, quando era jornalista, mas eram aquelas máquinas *Handwoven*, que você precisava fazer uma força dos diabos. Quando eu vi um computador pela primeira vez, eu bati no teclado e deu dez “as”, porque não era leve, era com muita energia. Então isto te desqualifica para este trabalho e você tem que aprender tudo de novo e eu não estava com vontade de aprender mais nada neste aspecto. Então é isso.

**DP:** Então o senhor escrevia muito? O senhor tinha notícias?, porque foi bem neste período que o regime começou a endurecer...

**MC:** Eu escrevi muito, influenciado pelo regime. Eu tenho vários contos que vão ser publicados agora e que já foram publicados antes pela *Paz e Terra*, que me deu um *Jabuti* até, por isso, que de uma forma velada, metafórica, *à la* Chico Buarque, fala do horror aqui. Eu continuei assim até o fim e depois enfim eu comecei a falar sobre outras coisas. Eu falei, no *Resumo de Ana*, que foi considerado um romance, embora eu ache que são duas novelas interligadas, no *Resumo de Ana*, eu usei uma linguagem realista, não do realismo do século XIX, mas um realismo que eu achei mais apropriado para a nossa época. Daí eu mudei de registro.

**DP:** Quando o senhor voltou, o senhor voltou em 1968, aí que o senhor foi lecionar na....

**MC:** Fui lecionar na USP. Fiquei dez anos lá, daí fui para a UNICAMP e fiquei 14 a 15 anos e daí eu me aposentei. Fui para Praga, voltei e fui para a USP outra vez e fiquei de sobressalente lá, dois anos e meio. Era para ficar meio, eles não tinham professor lá, não havia professor para aquele mar de gente.

**DP:** E o senhor estava dando o que lá, nesta última temporada “uspiana”?

**MC:** Eu estava dando literatura comparada, ou a novela, ou a literatura comparada de vários autores, nacionais e estrangeiros, que era muito bom para mim porque eu podia ensinar um pouco de literatura alemã também. Era a alemã e a brasileira, e outras: inglesa também.

**DP:** E a atividade como escritor?

**MC:** A atividade de escritor sempre esteve meio latente. Eu sempre escrevi.

**DP:** Como o senhor disse: “quem gosta de ler, quer escrever”.



**MC:** Eu sempre escrevi. É um vício insanável.

**DP:** Mas o senhor consegue coadunar com as outras atividades todas?, porque o senhor foi sempre...

**MC:** Não atrapalha, não. Eu parei de lecionar porque, primeiro, eu já tinha trabalhado muito mais do que o tempo necessário. Mas não foi por isso, é porque eu falei: “Eu estou ensinando e não estou aprendendo mais, porque eu ando me repetindo aqui”. Lembrei de um ditado mineiro que o Antonio Candido cita: “Sabão em cabeça de burro velho não faz espuma”, então eu falei: “Está na hora de parar com isso”.

**DP:** Então a escrita estava aí latente?

**MC:** Estava sempre latente...

**DP:** A escrita se compatibiliza com o trabalho de tradutor?

**MC:** São duas formas de escrita.

**DP:** São duas formas de escrita, mas muito absorventes.

**MC:** Quando você traduz, você precisa descobrir como é que o escritor escreve. Você precisa penetrar no laboratório criativo dele. Em Kafka tem um tipo de narrador que é um narrador que eu chamo de narrador antionisciente: ele não sabe de nada. Como o personagem também não sabe de nada, e você tem que seguir esta linha porque a perspectiva é do personagem, você entra num túnel de alienação. Só que você sai do outro lado (se sai) com uma experiência concreta do que é alienação. A literatura aí não deixou de ser pedagógica: ela ensinou alguma coisa sobre a nossa realidade, que não é o mesmo tipo de projeto dos grandes realistas franceses do século XIX: Flaubert, Stendal e Balzac. Mas o mestre de Kafka é Flaubert – *Le mot*



*juste*, a palavra certa, então ali tem uma precisão vocabular impressionante. Ele tem um ouvido maravilhoso, porque ele é um poeta, embora à primeira vista não seja, mas ele era um poeta, entende? Isto daí é intraduzível, mas você precisa encontrar algum equivalente em português. Como ele falaria em português? Como ele escreveria em português? Você precisa imaginar as coisas. É claro que o texto está ali dando algumas garantias.

Eu acho que é uma atividade interessante para nós brasileiros porque, como diz o Guimarães Rosa, essa língua de partida, esta língua estrangeira, invade a sua língua e fertiliza ela. Ao mesmo tempo, a língua estrangeira se enriquece através desta invasão na língua de chegada, que é a nossa língua. Enfim, o problema da tradução é super..., não que é complicado, é gostoso, não é?, mas eu não gosto de falar muito de teoria da tradução, porque isso daí virou gênero literário.

**DP:** E a relação com a língua alemã que o senhor estabeleceu? É uma relação muito forte que o senhor estabeleceu, então...

**MC:** Ah sim, claro... Eu estudei alemão aqui, um pouco, que foi muito insuficiente. Depois eu fui lá para Viena e tive que aprender, porque lá você vive como que num cerco linguístico: você liga a televisão – alemão, abre o jornal – alemão, vai ao cinema – não é legendado; é, como é o nome disso, falado?

**DP:** Dublado.

**MC:** ...dublado em alemão, vai ao teatro – alemão; tudo é alemão. Olha uma placa – alemão, você vai pedir pão – tem que ser em alemão, porque senão ele não te dá. Não é como aquela senhora portuguesa que eu conheci, que ela foi ao correio e falou: “Eu quero selos”. E aí veio o alemão e ela: “Eu quero ‘se-los’, falei bem devagar, mas o imbecil não entende”. Então o meu convívio foi um dos mais duros. Eu acho que nunca estudei tanto alguma coisa como isto.



**DP:** E o que o atrai, depois de tanto tempo de convívio e de relação com esta língua? O que o senhor acha que singulariza esta língua, se tem alguma afinidade com o português, ou o grande fosso que se estabelece entre as duas...

**MC:** Tem, porque a base dela é latim: aquela frase, que o verbo vai para o fim, é latina. Porque havia os povos chamados bárbaros, que na Idade Média, a Igreja e os padres foram para lá e ensinaram e construíram uma língua, que era a língua deles, em cima de uma estrutura latina. Então esta comunidade existe, é claro. Parece inglês, também, mas às vezes a forma da frase, depois que você a distingue, tem um ritmo próprio e tem também uma composição própria, que gera uma literatura diferente. Você tem que encontrar alguma correspondência na nossa língua. É como se você acabasse produzindo, entre aspas, uma terceira língua, que é a língua do encontro. Daí fica interessante o trabalho. É uma...

**DP:** Equação.

**MC:** É uma equação. É uma equação imensa.

**Luís Francisco de Carvalho Filho**<sup>4</sup>: Posso fazer uma perguntinha?

**MC:** Pode. Pode fazer quantas quiser.

**LF:** O Kafka só escrevia em alemão?

**MC:** Só em alemão, porque, quando ele nasceu, a antiga Tchecoslováquia, que hoje é a República Tcheca, fazia parte do Império Austro-Húngaro. A língua oficial do Império Austro-Húngaro era alemão, só que Praga era uma capital de segunda categoria dentro do Império. Só que era um alemão muito especial, porque ele era um pouco esclerosado, ele era um pouco burocratizado, porque era a língua da burocracia imperante no país, porque o povo mesmo falava tcheco. Então a classe média era formada pela *intelligenza*, principalmente judaica, e, na sua ascensão

---

<sup>4</sup> Diretor da Biblioteca de 2005 a 2008.



social, eles se apropriaram do alemão, só que daquele alemão, então às vezes você encontra no Kafka, não sempre – porque ele escrevia um alemão clássico, o *hoch Deutsch* – tem “praguismos”. Algumas palavras não são como no alemão, algumas ortografias também eram diferentes. Ele só escreveu em tcheco porque ele era advogado, aliás, o fato de eu ser advogado me ajudou um pouco, porque ele usa muito...

**LF:** E eu também sou...

**MC:** Ah, você também é? Então o jargão jurídico é empregado “às pampas”. A questão da lei para ele é fundamental: *O Processo*...

**LF:** Eu li *O Processo* antes da sua tradução, numa tradução... eu não me lembro de quem era a tradução, era direto do alemão também?

**MC:** Quem?

**LF:** A tradução anterior.

**MC:** Nenhuma. Não havia nenhuma tradução direta da língua alemã – era sempre francês, inglês, espanhol. Esse tipo de tradução, de segunda mão, não funciona. Você precisa entrar no cerne vivo da língua do escritor, porque é com ela que ele trabalha, é com ela que ele cria, essa é a argila dele.

**DP:** Eu acho que é importante o senhor resgatar isso, professor. O senhor foi um leitor precoce de Kafka e nós gostaríamos que o senhor falasse um pouquinho o que esta obra representou na sua formação, na sua sensibilidade, nas suas aspirações, até o momento em que o senhor decide traduzi-lo.

**MC:** As coisas não foram tão lineares. Eu me lembro que houve três livros que me tiraram o sono e me fizeram passar a noite em claro. Um foi *Crime e Castigo*, do Dostoievski, o outro foi *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do Machado, e o outro



foi *Metamorfose*. *Metamorfose* eu não conseguia parar, e eu li em inglês, numa tradução que hoje é famosa, mas, como eu disse, é um pouco mágica, tem uns elementos de magia ali que ele não tem. Daí eu li outras coisas, *Na Colônia Penal*, era um livro de novelas que eu comprei na *Modern Library*, e fiquei “ligadão” com ele. E daí eu comecei a ler e li vários ensaios do Anatol Rosenfeld no Suplemento Literário do Estadão. Antes disso, o Otto Maria Carpeaux tinha introduzido o Kafka no Brasil, em 1942. Este exemplar *d’O Processo* que vocês têm é do interesse que ele tinha: ele conheceu pessoalmente o Kafka. Então o Carpeaux fez a primeira grande apresentação panorâmica de Kafka, que tinha um caráter um pouco teológico naquela época. Depois, a grande apresentação integral, geral da obra de Kafka, foi do Sérgio Buarque de Holanda. O Sérgio Buarque de Holanda citou um livro que eu acabei de traduzir agora, que saiu em 1951. Ele citou aqui em 1952, quer dizer, era bibliografia secundária e ele estava por dentro. E a última grande apresentação geral (tem outras também) foi a do Anatol Rosenfeld em *Texto / Contexto*, que tem um perfil realmente técnico quase. É muito sensível, mas tem os aspectos técnicos.

Para ler Kafka é melhor, em vez de fazer divagações metafísicas, contar primeiro quantas portas tem o cenário, ver os elementos materiais mesmo da composição. Eu falei sobre isso daí numa Universidade em Praga, sobre a recepção de Kafka no Brasil, e citei os três. Citei outros: citei Antonio Candido, que tem um ensaio famoso que ele fala em uma espécie de..., ele fala do fim do mundo, o deserto dos tártaros, o *rivage désert*, do Kafka e do Kaváfis. E cada um vai apresentando uma forma catastrófica do nosso mundo. É que os bárbaros estão chegando, os bárbaros que vão destruir esta civilização e que, provavelmente, na melhor das hipóteses, vão dar sangue novo a uma outra civilização, quer dizer, isso na melhor das hipóteses. Então este ensaio é notável, eu acho.

**DP:** O senhor conheceu o Anatol Rosenfeld?

**MC:** Sim, o conheci pessoalmente. Infelizmente, o conheci no fim da vida, mas ele já estava um pouco doente, aliás, ele dissimulava um pouco a doença. Eu estive na casa dele um pouco antes dele morrer. Depois eu viajei e, quando eu voltei, ele já



estava no hospital. Ele era uma pessoa de uma cultura e de uma elegância formidáveis.

**DP:** E o Otto Maria Carpeaux, o senhor conheceu?

**MC:** Eu assisti muitas conferências dele no Instituto Goethe. Ele era um grande conferencista. Ele detestava ser professor, mas era um grande professor. Ele não quis ir para a USP. Recomendaram, mas ele: “Não, eu não quero. Só de pensar em ter que cuidar de administração, eu não vou”.

**DP:** O senhor chegou a estudar a obra de ambos?

**MC:** Sim, é claro, estudei. *Cinza das Horas*, o nome do livro do Carpeaux sobre Kafka e depois *Kafkiana* que o Antônio Ernani Prado fez a coleta de todos os artigos sobre literatura que o Sérgio Buarque publicou e está lá – *Kafkiana*, são quatro, mas uma coisa incrivelmente moderna, isso nos anos cinquenta e depois, o Anatol, que eu acho que é nos anos 60, ele publicou, que é um passo adiante. Então existe uma continuidade interna entre estes autores.

Existe já no Brasil uma compreensão realmente considerável do Kafka, que não é um autor simples, e eu não sei por quê. A *Metamorfose*, que eu traduzi, a que eu traduzi, porque tem várias. Escreveram um livro aí *As Traduções da Metamorfose no Brasil*. A que eu traduzi – vocês não vão acreditar – tem seiscentos mil exemplares vendidos, porque o governo, naquele Plano de Leitura, não me lembro, é um nome mais complicado, Plano...

**DP:** Isso foi quando, professor, foi no governo Lula?

**MC:** Foi no governo Lula. Plano de Leitura?

**DP:** Plano Nacional de Leitura.



**MC:** Isto mesmo, Plano Nacional de Leitura, obrigado. Eles compraram quatrocentos mil exemplares. Tive que fazer uma edição própria, dessas sem capa dura, com grampo, mas o texto é exatamente o mesmo. Eu tive que modificar um pouco o Posfácio, para facilitar um pouco as coisas. Eu recebo cartas, e eu nem sei o nome da cidade, o sujeito diz: “Olha, nós aqui nesta cidade gostamos muito desse autor e estamos pedindo que você mande o livro porque nós temos uma biblioteca que é o quarto de uma casa, mas é muito pequeno aqui e de noite não tem luz.”

**DP:** Então, graças a este Plano, os livros tiveram esta distribuição?

**MC:** Eu acho que eles foram recebendo lá. Foi ótimo isso daí, eu acho.

**DP:** O senhor consegue identificar o perfil deste leitor de Kafka no Brasil?

**MC:** Não consigo mais, houve uma época que dava, agora não dá mais de jeito nenhum. Houve uma época que era o leitor, digamos universitário, mas depois ficou...,eu não sei... Um amigo meu, o Paulo Arantes, estava conversando com a faxineira da casa dele e ele falou: “O que é que você tem feito?”, e ela falou: “Eu estou lendo um autor muito bom”, e ele: “E quem é?”, e ela – “Kafka”!

**DP:** Bom, muito bom professor. A gente tem uns dados que o Brasil é um dos países que mais lê Kafka, o senhor acredita que este crédito, o senhor atribui ao seu trabalho?

**MC:** Não, o crédito mesmo é do Kafka. Eu ajudei em alguma coisa aí, porque, de repente, ficou patente que eu tinha traduzido do original e as outras não tinham sido traduzidas do original, então não tinha erros grosseiros.

**DP:** O senhor não falou como é que foi a sua decisão de começar a traduzi-lo.

**MC:** Então a história é mais ou menos a seguinte, eu vou resumir. Eu ia para Campinas, para a Unicamp, com o Roberto Schwarz, que era meu colega de



departamento. E ele ficava falando lá do livro magnífico que ele escreveu sobre Machado que é *O Mestre na Periferia do Capitalismo* e eu ficava falando sobre as minhas leituras e eu falei: “Olha, outro dia eu acabei de ler uma novelinha do Kafka, que ele não conseguiu concluir e que fala de um bicho que vive embaixo da terra e que é extremamente lúcido. Ele é o narrador da história, é um bicho narrador, e ele constrói lá um...”, chama-se *A Construção*, que uns acham que é *A Toca*, mas eu acho que é *A Construção*, porque ele é um bicho engenheiro, mas de uma lucidez, de uma lógica de ferro. Ele mostra, ele diz como construiu aquela toca, com vários corredores, despistamentos, etc, até a praça central, que é a que ele chama de a Praça do Castelo, que é onde ele acumula os víveres. E há um momento em que ele sai para fora, para caçar, e volta rapidamente, e a entrada da construção dele tem uma camada de musgo, porque ele construiu uma entrada falsa, que o sujeito entra lá e no fim bate numa rocha, que é intransponível. Mas ele tem medo que, por exemplo, algum animal vadio caia no musgo lá e entre. Então há um momento em que o perigo não é só esse – é que ele está ouvindo um ruído na terra e desconfia, com razão, que pode ser um bicho como ele que está atravessando a terra e que de repente vai cair dentro da construção e daí vai haver uma luta de extermínio. Então a reflexão dele é: “Será que eu não estou no território de outra pessoa, ou de outro animal?”.

Eu achei engraçado, pela questão da propriedade e, ao mesmo tempo, nesta época, isso foi uma das últimas coisas que ele escreveu, foi a penúltima coisa que ele escreveu. O que é que estava acontecendo? O que estava acontecendo é que ele estava tuberculoso, a tuberculose estava chegando até a laringe, a faringe, aquelas coisas, e ele já estava condenado à morte. Então ele tinha a morte por dentro e por fora. Ele tinha saído de Praga para ir para Berlim, onde ele se casou pela última vez com a Dora Diamant, que aliás, cuidava de crianças excepcionais. Então ele estava perseguido por dentro e por fora, quer dizer, ele estava dando a metáfora do que ele estava percebendo a respeito do seu destino. Mas ele estava, quer dizer, como é que você..., é difícil de compreender tamanha intuição e ver como isso daí é verdade, porque o Freud tem uma frase muito interessante que ele falou: “Olha, nem sempre o que é verdade coincide com o que é verdadeiro”. Atrás de uma verdade tem uma outra verdade, que é a verdadeira verdade. Então ele não



acreditava mais na fachada. Então, como ele era um escritor que tentava dar realidade, ele mostrou esta realidade encoberta e ele foi atrás dela e é por isso que parece tão estranho, porque o que é desconhecido, é estranho. Ele de alguma maneira percebeu o sintoma desta alienação planetária em que nós vivemos.

Mas a troco de que nós estamos falando isso?

**DP:** Eu perguntei para o senhor quando o senhor tomou a decisão de traduzir Kafka.

**MC:** Então eu, conversando com o Roberto, e eu falei: “Eu gostaria de ver como é que isso fica em português, essa novela”, e ele falou: “Por que você não tenta?”. E eu tentei, terminei e publiquei na revista do CEBRAP<sup>5</sup>. E daí eu fui embora, isso foi em 1983, eu acho. Daí, de 1983 para diante, eu fiquei traduzindo. Eu já traduzi 11 títulos, em dez volumes.

**DP:** E como é esta sua rotina, professor, quando o senhor está neste processo de tradução de uma obra como a do Kafka, que exige este mergulho?

**MC:** É uma rotina tumultuada, porque às vezes eu escrevo dez horas por dia e no outro dia eu não tenho coragem de escrever, e assim por diante, mas fico pensando, eu pego o texto, eu leio com atenção. Enquanto eu estou lendo, as palavras em português estão aparecendo na minha cabeça. Eu não escrevo nada, ainda. A partir de certo momento, eu começo a escrever. Escrevo aquele trecho que eu tinha lido, e assim por diante até chegar ao fim. N’O *Castelo*, que eu demorei quase dois anos e meio, tem quinhentas páginas. E eu só tenho traduzido a partir da edição crítica, que é de 1982.

**DP:** E o que faz o senhor achar que o tom está adequado ou não? O senhor mesmo diz que é o tom que determina a conclusão ou não do ...

**MC:** O tom determina a estrutura. Acho que é a minha experiência de escritor. O tom e a estrutura são determinantes. O Kafka tem a escrita de um clássico, não é como

---

<sup>5</sup> Centro Brasileiro de Análise e Planejamento.



o Joyce, que inventa palavras e que é difícilimo de traduzir aquilo. O que há de enigmático e de avançado é que ele propôs uma versão do mundo que não era comum, que era absolutamente original, e você tem a forte sensação de algo verdadeiro. Alguém disse que foi o último escritor que provocou angústia nos seus leitores.

**DP:** E o seu trabalho como escritor, professor, o senhor acha que, de alguma forma, ele está carregado de tintas kafkianas, o senhor procura trazer esta experiência?

**MC:** Muita coisa eu aprendi lá. Eu acho que um autor que não passou por Kafka pode ser contemporâneo, mas não é moderno, tem que passar por lá, não tem jeito, ele é um marco. O Borges mesmo diz isso. Aliás o Borges traduziu o Kafka em 38.

**DP:** O senhor até fala em alguns textos que o senhor acha que está um pouco rebuscado...

**MC:** Não, é uma tradução lindíssima, mas é muito mais Borges do que Kafka. Ele segmenta as frases, aquela elegância maravilhosa do Borges, mas ele não tem a deselegância do Kafka. O estilo do Kafka é pontudo. Ele mesmo dizia que a escrita dele devia ser com um estilete que provoca dor no leitor: *como um machado capaz de quebrar o mar congelado que existe em cada um de nós*.

**DP:** Dessas atividades todas que o senhor desenvolve, que em alguns momentos são coincidentes ou não – tradutor, escritor, ensaísta, pesquisador – o que deixa o senhor mais instigado, mais angustiado, o que cada uma dessas atividades convoca no senhor? Tradução, este exercício de adequação, a escrita, enfim, o que o senhor identifica de mais instigante em cada uma destas experiências?

**MC:** Você falou angustiante. Angustiante, todas. Durante toda a minha vida de professor eu sempre escrevi minhas aulas e punha ali do lado. Às vezes eu nem consultava, mas tinha que estar lá, senão eu me sentia desamparado, atirado às feras.



**DP:** E as feras foram camaradas com o senhor?

**MC:** Foram, felizmente, ainda bem que tiveram comiseração.

**DP:** O senhor orientou muitas teses?

**MC:** Sim, várias, a gente é obrigado. Há uma escassez de docentes e de orientadores na universidade. Mesmo que morra um professor ou ele se aposente, ele não é substituído. É o que a gente chama de “rapa”, a reitoria faz o “rapa”, ou sei lá, eles não..., não é fácil, por isso que eu falo: um concurso de ingresso à carreira tem quinze lá para você escolher um; o problema é que tem cinco lá que tem grande categoria e você tem que ficar entre a cruz e a caldeirinha. Às vezes dá unanimidade na banca e aí as coisas se solucionam. Devia ser um pouco mais flexível, mais aberto, mais democrático, menos burocrático. Neste ponto a UNICAMP é melhor do que a USP, porque é pequena, moderna, é mais liberal. Na época da perseguição política, o Zeferino Vaz, que não tinha medo dos militares, contratava: contratava Paulo Freire, contratava César Lattes, que nem tinham curso universitário. Eu propus uma vez a contratação do Alexandre Eulálio na Câmara de Pós-Graduação, para ele poder dar aula e orientar teses. Então eu enfrentei uma equipe de burocratas de ferro ali, e falei: “Vamos ver se dá certo aqui”. E comecei a argumentar e tal. “Mas ele não tem nem diploma de nível universitário!” – “Mas você vê o currículo dele e ele deu aula em Princeton, Veneza, Yale, foi um dos primeiros a entrevistar o Borges aqui e, olha, ele tem algumas cartas de recomendação aqui”, que eram do Sérgio Buarque de Holanda, do Antonio Candido e do Décio de Almeida Prado. Daí os caras assustaram, então eles disseram: “Então pode dar aula de graduação, pós-graduação e orientar teses – notório saber”. É assim que tem que ser: é mérito, a “meritocracia”, embora esta palavra seja ruim. Não é por direito de antiguidade ou coisa parecida, é por que tem mérito. Você vai dispor, vai por de lado um César Lattes, como é que você faz isso?

**DP:** O senhor está afastado da sala de aula já há uns dez anos.



**MC:** Mais de dez anos. Não, eu andei dando aula aí num curso na USP. Eu já fiz a minha parte, não que eu esteja satisfeito, mas eu já fiz a minha parte e as novas gerações, eu estou vendo com muito, com crescente entusiasmo, que elas são muito boas, são bem preparadas, pelo menos na minha área.

**DP:** O senhor acompanha a produção literária do setor?

**MC:** Sim, eu conheço quase todos. Fiz parte da banca de ingresso de vários e são pessoas de muito valor e, quer dizer, e ganhando, como se diz, uma “merreca”.

**DP:** Em relação a isto que o senhor falou da remuneração, o trabalho do tradutor passou a ser um trabalho mais valorizado, mais respeitado. Isso se reverte em termos financeiros, hoje?

**MC:** Sim, se você tiver a sorte de pegar uma editora honesta, porque senão você está frito: eles republicam e fazem uma edição de três mil, mas, na realidade, foi cinco mil, porque não é numerada como na Alemanha, como a minha editora, que é a *Companhia das Letras*, que é honestíssima, então eu estou satisfeito com o Aluizio e os seus companheiros.

**DP:** Em relação a sua obra, professor, este reconhecimento que o senhor teve com o *Resumo de Ana*, com a premiação, como foi esta experiência para o senhor?

**MC:** Tem uma tradução para a França.

**DP:** Como foi esta experiência para o senhor?

**MC:** Foi muito boa.

**DP:** Foi um trabalho urdido durante muitos anos.



**MC:** Quantas vezes eu falei: “Não vou terminar, não vai dar certo” e aí eu ficava desanimado pra burro e um dia lá aparecia uma frase miraculosa – miraculosa entre aspas – e eu ia lá e aquilo detona outro momento, mas, em vários momentos, eu perdi a fé – eu, que já não tenho fé, por princípio.

**DP:** A matriz dos seus textos começam, assim, através de uma experiência, de uma frase?

**MC:** Depende do texto. No *Resumo de Ana*, por exemplo, eu tinha a história inteira escrita em um papelzinho verde, mas, e para compor este negócio aqui? Como é que isto entra antes ou depois etc.? Como eu resumo isto aqui, tiro isto daqui fora? Daí fica o trabalho de composição, quase que a história deixa de interessar, porque você está tentando tornar aquele mosaico coerente e de alguma maneira fluente. Eu precisei tirar toda a gordura da linguagem, precisei ser conciso mesmo e, depois, muito cauteloso, porque eu estava tratando de vidas reais. Você tem que respeitar a vida como escritor. Você não pode ser equilibrista neste negócio, ou irresponsável. Enfim, se vai dar certo daqui para diante, só Deus sabe.

**DP:** Esta preocupação, no caso do *Resumo de Ana* que o senhor demorou oito anos para escrever...

**MC:** Demorei dez anos. A primeira história eu escrevi em dois anos, a segunda eu demorei oito. Até hoje eu penso por que demorei tanto tempo, por que fiquei desanimado no meio. Mas por que eu fiquei desanimado no meio? Porque eu não sei quem é essa pessoa e eu não posso me intrometer na vida dela e dizer para ela o que ela é, porque ela mesma não sabe. Este tipo de intrusão é um erro formal grave. Então até que eu falei: “Ele não sabe quem é, eu também não sei”, então vamos em frente.

**DP:** Mas o desassossego ficou nestes oito anos, não teve trégua?



**MC:** Nos últimos três meses eu cheguei à conclusão: “Eu não sei quem é, eu não vou me intrometer na vida desta pessoa, vou escrever aquilo que sei, com o maior respeito possível e vou ver se isto se encaixa” e, por sorte, se encaixou. Porque depende, o Hemingway é que diz: “Depende de um pouco de sorte”.

**DP:** Professor, para a gente encerrar, tinha mais duas perguntas para o senhor. Em relação aos livros que o senhor continua revisitando, quais são esses livros que de certa forma o continuam provocando?

**MC:** Ontem eu estava lendo um livro do John Gladson, sobre Machado de Assis, *O Novo Machado de Assis*, que é um bellissimo livro; o outro é do Rodrigo Naves, *O Vento e o Moinho*, uma beleza de livro – são ensaios sobre arte. Eu não leio só literatura, eu gosto de conhecer arte também, porque é uma forma de representação que me estimula. Não que eu queira ser um artista plástico ou coisa parecida, mas é porque é estimulante.

**DP:** O senhor não acha que isso tem alguma coisa a ver com a sua geração? Porque todos têm esta capacidade de transitar...

**MC:** Sim, o cinema, por exemplo. Há recursos do cinema que você pode aproveitar. Eu fui jornalista e às vezes eu me pergunto: “Mas foi a literatura que influenciou o jornalismo, ou foi ao contrário?”, porque o Hemingway, quando escreveu *The Sun Also Rises*, eles não aceitaram, porque eles falavam: “Isto daqui não é ficção, isto aqui é reportagem”, e era ficção mesmo, e ele influenciou a linguagem do jornal, a linguagem jornalística. Tem gente que fala: “Não, foi a linguagem jornalística que influenciou ele”, e eu acho que não, eu acho que foi ele que influenciou, é ele que deu o tom, através da literatura.

**DP:** E livros clássicos?

**MC:** Os clássicos, eu adoro, não porque eu seja “classicizante”, mas ler a *Odisseia* é uma delícia. Eu sempre estou atrás de novas traduções, principalmente inglesas. Eu



li até em alemão, uma tradução recomendada pelo Oscar Kokoschka, a Françoise Villon, que, aliás, eu pesquisei bastante aqui na Biblioteca. Enfim, Montaigne, outro dia eu comecei a ler uns trechos do Montaigne e eu falei: “Mas que coisa! Por que as pessoas não estão lendo? Perderam uma ótima oportunidade!”, entende?, aliás traduzido pelo Sérgio Milliet.

**DP:** E, professor, para encerrar, e talvez para nos dar uma palavra de alento, o que senhor acha..., porque o senhor falou isto no meio do depoimento, sobre as possibilidades de uma instituição como esta, no sentido de ela voltar a ocupar um lugar de destaque, voltar...

**MC:** Como eu disse, eu devo muito a esta instituição. Eu acho que ela tem que ser incrementada. É um crime de lesa-cultura, para não falar lesa-pátria, deixá-la *lesse faire*. Precisa de incremento e o incremento tem que vir do Estado. Vão dizer: “Ah, mas é estatizante”. Não, não é isso, mas é que é o Estado mesmo. O Estado representa a todos nós. São os nossos impostos que vão lá, então tem que reverter em benefício. Precisa comprar livros, precisa manter o prédio funcionando, precisa pagar bem aos funcionários, todos. Isso daí é elementar, não precisa pensar muito, entende? Você acha que vão privatizar a Universidade de Weissberg, ou a Universidade de Oxford? Não vão. E eles têm ótimas bibliotecas e o governo contribui, os financiadores, as fundações contribuem. Isso não é luxo, isso é necessidade. Sempre vai haver curiosidade intelectual neste mundo, o dia que não houver, eu me retiro.

**DP:** Obrigada, professor, pela gentileza de estar aqui conosco e compartilhando de todas estas experiências.

**MC:** O prazer foi meu, espero que tudo dê certo aqui.

